

CIDADE DA BEIRA

O teste da intenção de fazer uma festa

TEXTO DE ALFREDO TEMBE • FOTOS DE JAIME MACAMO

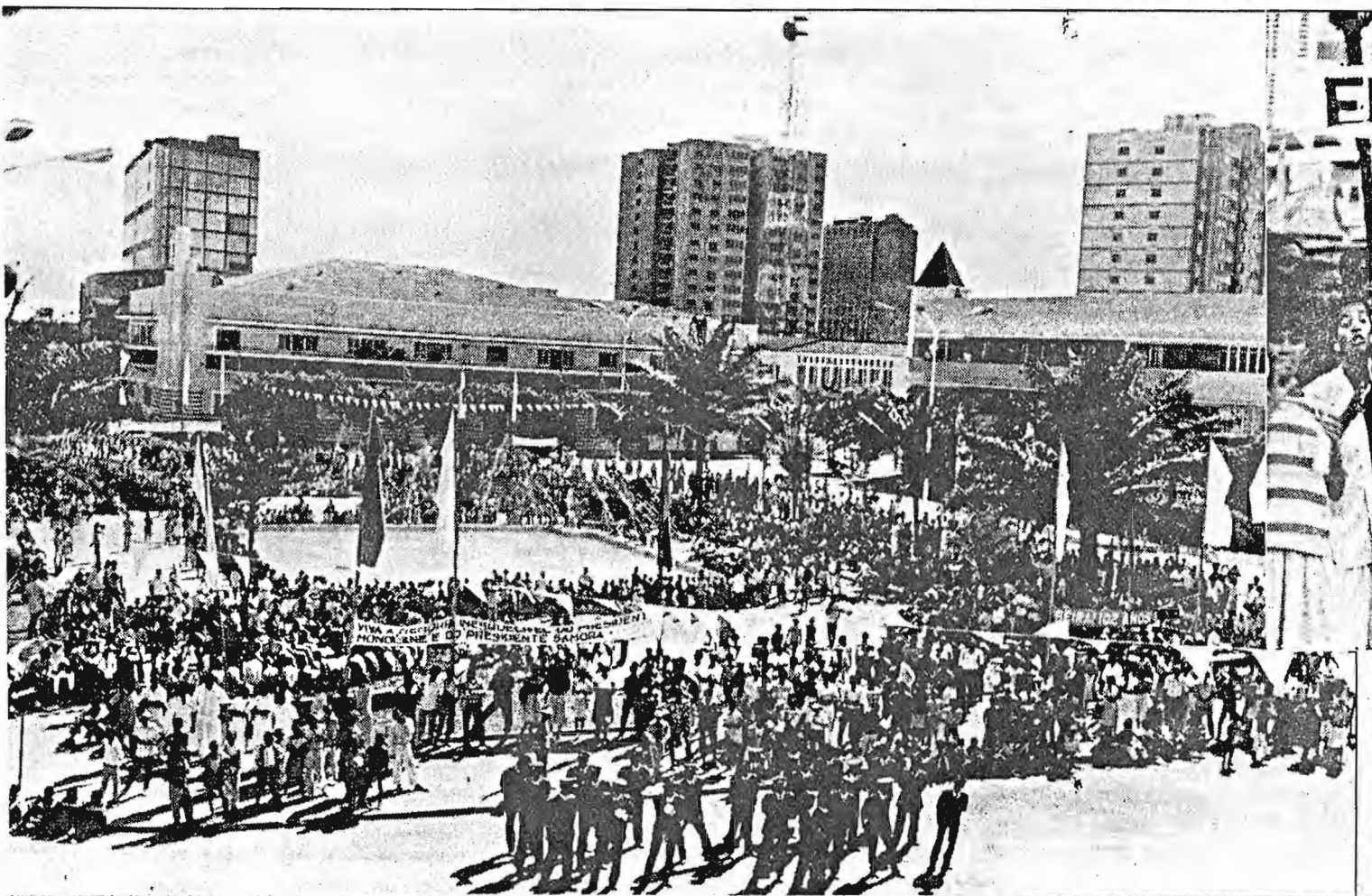
A festa da Beira, apelidada «Festa do Congresso», fez convergir àquela cidade dezenas de convidados e simpatizantes da urbe. O calor que se fazia

sentir durante os apregoados dias de festa não foi capaz de aquecer a frivolidade das festividades.

Chegámos à capital provincial de Sofala a princípio da noite de quarta-feira, dia 16 de Agosto, na expectativa de um encontro com uma cidade em festa. Uma cidade

engalanada por ocasião de dois aniversários, cujas datas os organizadores não se preocuparam em rever na devida altura. Daí que uns preferissem quedar-se pelos

102 anos da Beira que remontam desde a instalação nas terras do Banguê, do posto militar de Aruângua e outros, com a insistente «sede» de festejar o aniversário da



cidade, se contentassem em atribuir a 20 de Agosto, o dia dos 82 anos da Cidade da Beira. A confusão não era para menos. As próprias montras de alguns estabelecimentos comerciais que tiveram a «ousadia» de remar contra a maré, deixavam nos seus embelezamentos desfazamentos no aniversário que se estava a celebrar.

Na mesma quarta-feira pudemos ver algumas barracas, próximo da terminal dos TPU's na zona em frente à Casa dos Bicos. Ao que nos foi dado a conhecer mais tarde, essas barracas destinavam-se a pequenos quiosques. Porém, no dia seguinte já nem sinal delas jazia no local. Era o retorno à normalidade de um dia sem festa. E a cidade, com a excepção de poucos focos, continuava serena e bem alheia às informações que se iam veiculando a respeito da sua festa.

Nas imediações do edifício do Conselho Executivo da Cidade da Beira e no próprio edifício o movimento era outro. Até parecia que a cidade se circunscrevia apenas àquele local. Construtores de várias empresas davam novo ar ao local, com os seus meios próprios. Apesar da azáfama só ter termi-



O içar da bandeira da Cidade da Beira no cimo do edifício do Conselho Executivo

Trabalhadores, jaz uma fonte de água, onde os namorados podem passar bons momentos de lazer. Com o baptismo do dia 19 ficou

zes saem às maravilhas. A pintura azulada do interior da pequena piscina na agora Praça do Município já na quarta-feira, dia 23, apresentava-se com manchas negras, o que não deixa dúvidas que daqui a menos de um mês, se se pretender preservar a beleza inicial, terá que se recorrer à sua reabilitação.

A FESTA DO CONGRESSO

O programa distribuído das celebrações que tinha como título genérico «programa das comemorações das festas da cidade», arrancou no dia 18 com a deposição de uma coroa de flores no Monumento aos Heróis Moçambicanos, pelo Presidente do Conselho Executivo da Cidade da Beira, Teixeira Manjama. Estava assim dado por iniciado o vasto programa que só terá o seu término a 30 de Setembro.

A 19 de Agosto houve uma concentração, logo de manhã, na Praça do Município, para aquilo que seriam as cerimónias solenes do aniversário da cidade. Com a chegada do Ministro da Educação, Aniceto dos Muchangos, acompanhado pelo Governador de Sofala, Francisco Masquil, e pelo Presidente do Conselho Executivo da



nado na madrugada de sábado, dia 19, o trabalho realizado valeu a pena.

Agora, no lugar dos dois trabalhadores de mãos dadas que simbolizavam a praça, que era dos

conhecida como a Praça do Município. Quanto à estátua dos trabalhadores que tinham ali a sua praça, a mesma foi remetida para perto dos Caminhos de Ferro.

Coisas feitas à pressa raras ve-

Cidade da Beira, Teixeira Manjama, dava-se por iniciado o acto.

Perto das 10 horas era içada a bandeira da Cidade, para momentos depois o Ministro da Educação proceder ao descerramento do emblema da cidade patente no edificio do Conselho Executivo acabou de se pintar na madrugada de sábado. O acto que se seguiu de-

pois foi a cerimónia da entrega da «Chave da Cidade» pelo Ministro da Educação ao Presidente do Conselho Executivo.

A pequena Praça do Município que naquele sábado parecia demasiadamente grande, era ocupada por algumas centenas de crianças das escolas primárias da cidade que como a quererem dar teste-

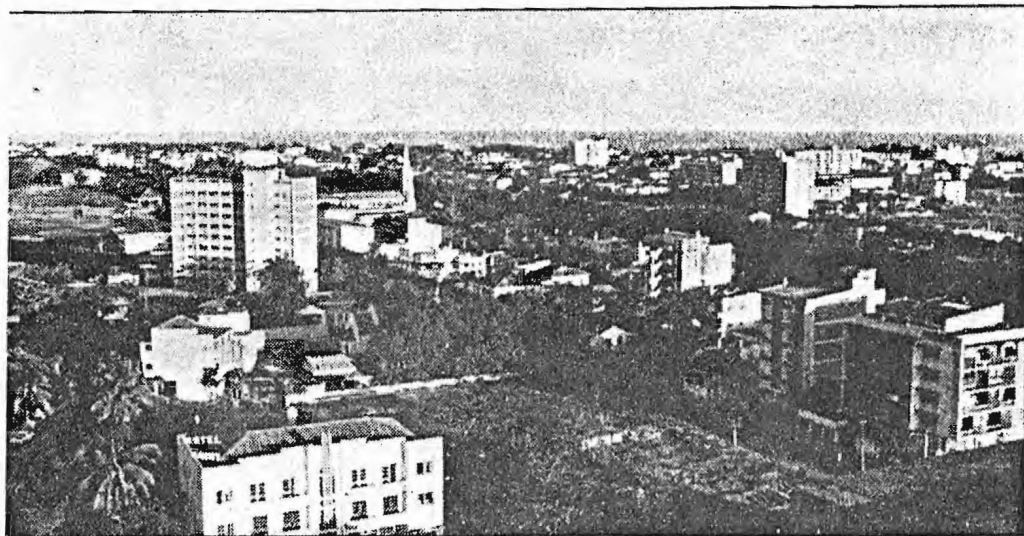
munho à organização apressada para lá estarem, ali receberam bandeirinhas e alguns cartazes alegóricos à ocasião, para não falar de camisetes que algumas eram recomendadas a usar. Adultos, à excepção dos membros do Comité, Governo e Assembleias Provinciais e das delegações visitantes, contavam-se aos dedos. Não foi de espantar pois, no sábado, todos os trabalhadores estarem nos seus locais de trabalho. O espanto foi sim, a tolerância concedida na segunda-feira, dia 21.

A criançada, denotando uma fraca preparação atempada, deu algumas voltas em marcha corrida em torno da Praça do Município para aquilo que foi chamado de «desfile dos Continuadores». Não restam dúvidas que com a chama acesa e alguns balões que ostentavam trouxeram um pouco de graça à cerimónia.

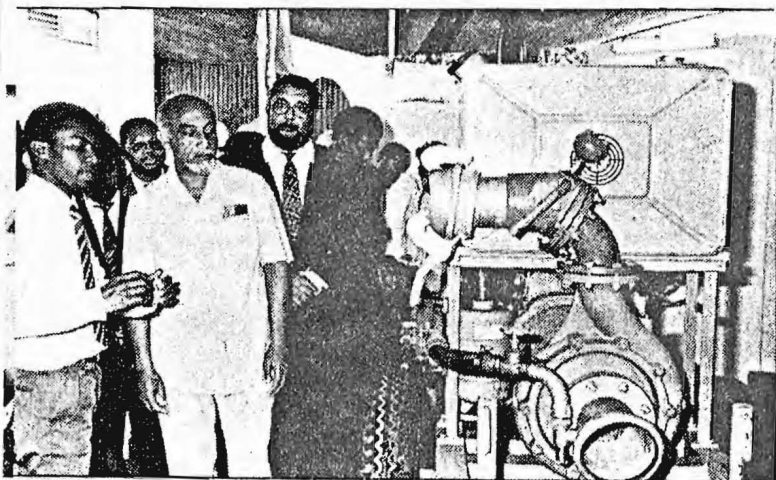
Às 9 horas e 35 minutos chegava ao local das cerimónias a banda militar que momentos depois interpretou o Hino Nacional, já a meio das cerimónias. Era mais uma demonstração do desfazamento da programação. Seguiram-se depois os discursos do Presidente do Conselho Executivo, do Governador da Província e do Ministro da Educação. Foi aí que soubemos que a festa da cidade era também «a festa do Congresso», diferentemente do que nos tinha sido afiançado em Maputo pelo Presidente do Conselho Executivo da Cidade da Beira de que a festa seria uma ocasião para se assinalar com dignidade os 25 anos das Forças Armadas de Moçambique.

O Ministro da Educação, no seu discurso, deixou a mensagem de se envidarem esforços «para a nossa cidade ser melhor. Para a nossa cidade conseguir resolver os seus problemas». De facto, a Beira necessita de mudar de feições. Os seus edificios já há muito reclamam pintura, as avenidas e ruas concorrem com a cidade de Maputo em buracos.

Findas as cerimónias solenes, foi inaugurada uma exposição de fotografias e artes plásticas patente na Casa da Cultura. Os quadros exibidos eram da autoria de artistas plásticos da cidade e as fotografias retratavam o passado e o presente da Beira.



Vista da Cidade da Beira



O Presidente da Assembleia Popular recebe explicações de um expositor na Feira Económica



O Ministro da Educação, Aniceto dos Muchangos, em primeiro plano, visita a exposição na Casa da Cultura

No princípio da tarde de sábado chegou à Cidade da Beira o Presidente da Assembleia Popular, Marcelino dos Santos, que perto das 16 horas inaugurou a Feira Económica, na Casa dos Bicos. Nela se exibiam as potencialidades de algumas das grandes empresas sedeadas nas províncias de Sofala e de Manica. Uma iniciativa destas vale sempre a pena, pois é daí que o público se poderá inteirar do que as nossas empresas são capazes, mesmo remando contra inúmeras dificuldades.



Eduarda Pereira em contacto com o vencedor do concurso «Sabadar»

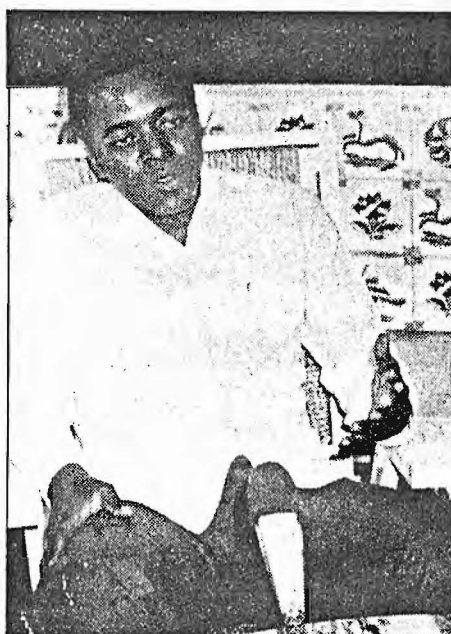
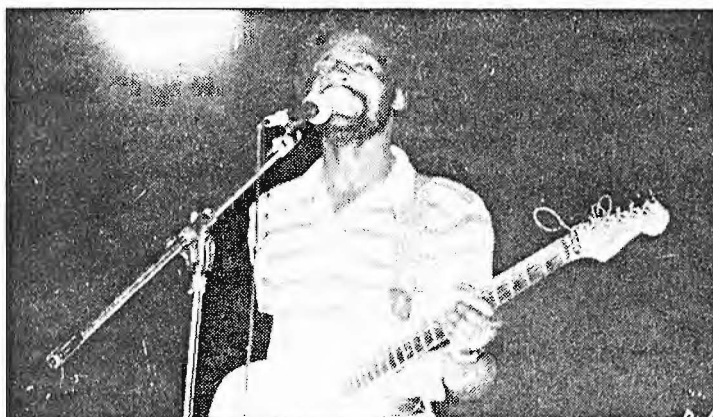
CHIBADURA E OS TEMBO BROTHER'S

Se durante os dias das cerimónias centrais não se vislumbrava ar de festa nas ruas e praças da cidade, o mesmo já não se pode dizer em relação aos espectáculos realizados no campo e pavilhão do Ferrovário da Beira. Os recintos foram pontos de passagem obrigatória para muitos beirenses que não queriam perder a oportunidade de delirar ao som da música zimbabweana trazida por John Chibadura e o seu agrupamento, os Tembo Brother's.

Chibadura era uma referência quase permanente nas conversas da rua. Os que não tiveram possibilidades de assistir aos espectáculos contentavam-se por se deslocar ao Hotel Embaixador para ver de perto o seu «ídolo». De facto, e apesar do estilo cansativo do seu ritmo, pois dias houve em que deu «show» durante pouco mais de cinco horas seguidas, Chibadura foi a salvação da festa e era para ele que convergiram muitos beirenses, até ao ponto de nos tocarem às portas dos quartos, alta noite, para nos perguntarem se lá estava o famoso Chibadura.

As actuações dos músicos zimbabweanos foram inicialmente feitas no pavilhão do Ferrovário, mas devido às enchentes que nunca mais acabavam, os organizadores trocaram o local para o próprio campo de futebol do Ferrovário. A transferência aconteceu no sábado, no meio do espectáculo, já perto da meia-noite. Um parêntese apenas, a despeito da lotação ora do pavilhão, ora do campo do Ferrovário, palmas ou ovações foram coisas que não chegaram a tempo no espectáculo.

John Chibadura: «a salvação da festa»



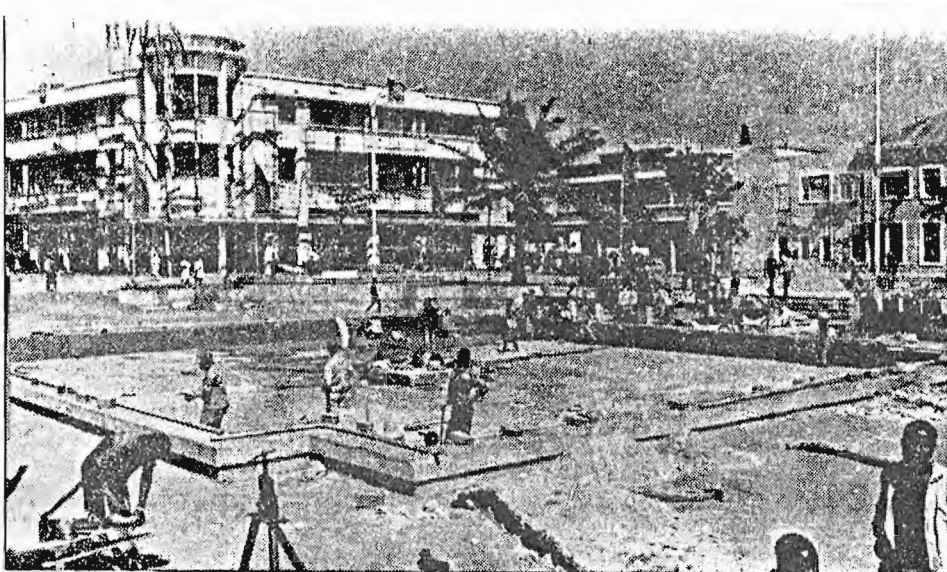
«Conseguimos fazer o melhor possível», Francisco Masquill

O Cinema «3 de Fevereiro», na Ponta Gêa, albergou um espectáculo cultural de gala no domingo, 20 de Agosto. Estreou-se com mestria o grupo de canto e dança da Cidade da Beira. Só que até ao nosso regresso o público beirense não tinha tido a oportunidade de apreciar o produto dos seus artistas,

pois a sessão de domingo e única era reservada a convidados. O «Sabadar» foi outro atractivo. Para tal o colectivo deste programa teve que se deslocar à Beira para animar a festa.

No programa oficial vinha patente a realização de um festival cultural dos grupos polivalentes das escolas primárias, no Pavilhão dos Desportos, na manhã de segunda-feira, 21, e, em todos os bairros da cidade. A intenção ficou apenas nos papéis, pois nem no Pavilhão dos Desportos nem nos bairros se fez alguma coisa. Na Munhava, um dos bairros da cidade, encontramos dois elementos do Comité Provincial que iam assistir ao festival e nem os responsáveis do bairro lá estavam, apesar de a sede do Grupo Dinamizador estar com as portas abertas.

Das poucas feiras de «diversão» organizadas, só a dos Caminhos de Ferro registou um pouco de movimento. As restantes só dá para esquecer para além de que a cerveja desapareceu da circulação devido a uma avaria verificada na fábrica. Ficava apenas a opção de desembolsar 1300 a 1500 meticais por uma lata de cerveja importada.



Sexta-feira à tarde: ainda a azáfama da reabilitação da Praça do Município

Enfim, lá se foi a «festa» da Cidade da Beira e como diria o Governador da província, Francisco Masquil, «foi feito o melhor possível contando com os recursos de que nós dispúnhamos». De facto à margem da «festa» algumas avenidas beneficiaram de certa reabilitação já que 50 mil contos disponibilizados pelo Governo não davam para muita coisa. Esperemos, pois, que o trabalho iniciado não fique ao sabor do vento. Mas é importante que das «cambalhotas» destas cerimónias se tirem lições para que das próximas vezes as coisas saiam a contento. □

DAS MUDANÇAS (DOS NOMES DAS COISAS)

Da Beira nos chega a notícia: da praça que era dos trabalhadores no centro da cidade, em frente ao edifício do Conselho Executivo, foi removido o nome e a estátua para o recinto defronte da estação central dos CFM-Centro. Em seu lugar, uma fonte de água e o nome original, atribuído ao tempo em que a cidade era governada por uma Câmara Municipal...

A notícia acorda-nos outras memórias de mudanças de nomes de coisas e lugares na mesma cidade. Caso de um dos seus maiores hotéis que numa dada fase se chegou a chamar 1.º de Maio. Até que um dia o Presidente Samora o visitou e disse que aquilo não era nome de hotel. E o hotel voltou a chamar-se D. Carlos.

Caso também dos nomes dos próprios bairros da cidade que a partir de certa altura passaram a ser designados pelo encaracterístico epíteto dos números: 1.º bairro, 2.º bairro..., 23.º bairro. Até que alguém, responsável, esclareceu que a enumeração era apenas uma questão de ordem de referência e que deviam preva-

lecer os nomes pelos quais os bairros sempre foram conhecidos. E assim Chipangara voltou a ser Chipangara. Munhava, idem aspas, bem assim os Macurungos, Maquejos, Massanges, Mangas-Mascarenhas. Muchatazinhas e outros lugares da urbe.

Tudo leva a crer que mudanças decididas de ânimo leve, sem razões plausíveis, sem uma fundamentação lógica, racional e realista, correm destes riscos de serem a ser objecto de novas mudanças quantas vezes no sentido de repor a situação anterior. Mudanças de reposição que são sempre uma virtual negação de mudanças anteriores, no que constituem um acto de esclarecida sabedoria pelo reconhecimento, embora nem sempre explícito ou declarado, de quanto se havia enveredado por via imprópria ou inadequada. Porque o inverso, a alternativa a este reconhecimento que conduz à reposição, seria um caso análogo ao daquele caminhante que descobre ter tomado uma direcção errada, mas insiste em prosseguir por uma questão de se manter coerente consigo próprio, mesmo a preço de lavra na reprodução contínua do seu erro de orientação.

Mas a dificuldade renovada que acomete a qualquer tentativa de juízo sobre essas mudanças é a quase permanente ausência de esclarecimento das suas razões. Esclarecimento que completaria o exercício de sabedoria que qualquer mudança não decorrente de fenómenos naturais representa. Porque se parte do princípio que não se muda nada por simples capricho ou mania das mudanças.

SIMEÃO CACHAMBA

CUIDE BEM
DO SEU DINHEIRO

